

PROCESSOS EDUCATIVOS, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS

Organizadoras:

Luana Teixeira Porto

Eliane Cadoná

Marilú Camacho López

Luana Teixeira Porto
Eliane Cadoná
Marilú Camacho López
(Organizadoras)

**PROCESSOS EDUCATIVOS, LINGUAGENS E
TECNOLOGIAS**



Frederico Westphalen
2019



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>.

Organização: Luana Teixeira Porto; Eliane Cadoná; Marilú Camacho López

Revisão Linguística: Luana Teixeira Porto

Revisão metodológica: Editora URI – Frederico Westph

Capa/Arte: Silvana Kliszcz

Projeto gráfico: Editora URI – Frederico Westph

O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).

Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

Catlogação na Fonte elaborada pela
Biblioteca Central URI/FW

Si616 Processos educativos, linguagens e tecnologias [recurso eletrônico] organização Luana Teixeira Porto ... [et al.]. - Frederico Westphalen : URI Frederico Westph, 2019.

1 recurso online

168p.

ISBN: 978-85-7796-271-6

1. Educação 2. Escola 3. Direitos humanos 4. Formação de professores 5. Tecnologias digitais 6. Ensino híbrido I. Porto, Luana Teixeira II. Cadoná, Eliane III. López, Marilú Camacho.

C.D.U.: 37

Bibliotecária Sandra Milbrath CRB 10/1278



URI – Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões
Prédio 9

Câmpus de Frederico Westphalen:
Rua Assis Brasil, 709 – CEP 98400-000
Tel.: 55 3744 9223 – Fax: 55 3744-9265
E-mail: editora@uri.edu.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

O INFAME COTIDIANO DA DOCÊNCIA VIA WHATSAPP

*Luciane Godolfim Swirsky
Clarice Salete Traversini*

01:07 -Então, assim, o ano começou enlouquecido. A gente teve dois dias de planejamento que é de praxe na rede, uma segunda e uma terça, 14 e 15 de março, eu acho [...] (áudio-diário, 27 de março de 2018)²⁶

Não há dúvida de que o ato de registrar é de singular importância para o contexto acadêmico. Registramos, em nossas pesquisas, experimentos, experiências, hipóteses, inovações, olhares, fenômenos, ações em contexto e o contexto das ações, reações nossas e dos outros. Seja qual for o caso, a pessoa que tem o poder de registro, enuncia e narra a partir do seu olhar as experiências sobre si ou sobre o outro a quem analisa. O excerto acima é o registro do dia a dia de uma professora do segundo ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal em Porto Alegre (RS) e é também o tema que dá origem a uma pesquisa sobre o fazer docente na escola contemporânea e que, por sua vez, orienta o argumento deste artigo.

Objetivando-se recuperar as dinâmicas, as escolhas, as vontades e as competências deste “ofício de professor” (LARROSA, 2018) que se materializa em sala de aula, elegemos a autoetnografia como um método fecundo para acessar esse conhecimento em produção. Tão caro à pesquisa em educação, o exercício docente eleva sua potência quando se permite dar a conhecer diretamente pelo olhar da própria professora que o opera e o constitui. Uma vez que o olhar de um observador jamais alcança o olho de quem vê, a experiência da autoetnografia pode levar o pesquisador a uma análise pujante, dificilmente obtida quando notada pelo outro. “A abordagem autoetnográfica [...] permite melhor acesso à prática, à intimidade do fenômeno reflexivo e a suas sutilezas metarreflexivas”. (DAVEL; OLIVEIRA, 2018, p. 217). Desse modo, quando o objetivo é justamente a proximidade entre observador e objeto, numa pesquisa de caráter qualitativo, a autoetnografia é uma opção valiosa.

Aliada ao processo de escrita autoetnográfica, a tecnologia surge como suporte material para a produção dos dados empíricos nesta pesquisa. Tendo como ferramenta o aplicativo para dispositivos móveis *WhatsApp*, ao longo do ano letivo de 2018, foi regularmente gravado, por uma de nós que exerce a docência em uma sala de aula do segundo ano do Ensino Fundamental, um áudio-diário como instrumento para construção do *corpus* analítico a ser estudado. A autoetnografia, o uso do aplicativo *whatsApp*, e o áudio-diário entrecruzam-se para alcançar um

²⁶ Para a apresentação dos excertos do áudio-diário optou-se em manter a transcrição original das falas, sem correções.

objetivo relevante: trazer o dia a dia do professor na escola para análise com foco em potencializar o trabalho docente e as aprendizagens dos estudantes. Este processo pretendeu dar a ver um pouco do que Foucault (1992), em seu texto **A vida dos homens infames**, chamou de “[...] antologia das existências” (FOUCAULT, 1992, p. 89). Um pensar sobre o inventário das vidas sem brilho, sem fama, das ações e fazeres sem reconhecimento, “[...] aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum [...]” (FOUCAULT, 1992, p. 117). Inspiradas no autor, analisamos como infame o rotineiro trabalho em sala de aula que pouco tem reconhecimento e registro. Sobre todas essas pautas, segue, então, este artigo.

O CURRÍCULO E O EXERCÍCIO DOCENTE

Certamente cada um se lembra de sua experiência na escola. Afinal, seja na posição de professor ou de aluno, todos já estivemos em uma sala de aula e sabemos como ela funciona: protocolos, hábitos, obrigações, cargos, funções, ações e seus desdobramentos. No entanto, é tácito afirmar que a escola é um organismo vivo, impelido às mudanças e às reinterpretações, desafiado à reinvenção, à desacomodação e à acomodação contínuas, ao constante (des)encaixe. Isso ocorre a tal ponto que é possível tomar o “[...] desencaixe como forma de existência da escola contemporânea” (TRAVERSINI, 2012), pois suas crescentes demandas, as políticas educacionais a que tem que se adequar reiteradas vezes, de tempos em tempos – às vezes maior, às vezes menor; o tempo do tempo é mesmo incerto – não lhe podem conformar num mesmo talhe. Isso é muito bom para fazer com que suas contendas, suas querelas e interrogações mantenham-se, ininterruptamente, “[...] contribuindo para problematizar os nossos discursos docentes” (TRAVERSINI, 2012, p.184).

O currículo escolar é produção em constante “desencaixe” e matéria indelével da docência. Razão pela qual é sempre pauta para acalorado debate. O ofício de professor, aqui utilizado no sentido atribuído por Larrosa (2018), constituindo-se desdobramento do currículo escolar e precisa ser considerado em sua dupla influência, qual seja: “[...] desde sua gênese como macrotexto de política curricular até sua transformação em microtexto de sala de aula” (SILVA, 1999, p. 22) pela ação do professor. Um currículo é multiforme, conjunto aberto que revela “[...] as marcas das relações sociais [...]” (ibid., p. 22) que o produzem; que tem “[...] os traços das disputas por predomínio cultural [...]” (ibid., p. 22) por ele travadas; que é espólio “[...] das lutas entre, de um lado, saberes oficiais, dominantes e, de outro, saberes subordinados, relegados, desprezados [...] é relação social” (SILVA, 1999, p. 22). Marca a intenção desta pesquisa

a análise que, no caminho da escola, entrecruza, exercício docente e currículo. Não porque se queira ver como os dois se estruturam juntos, mas porque um é baliza para o outro.

Sob a intenção de narrar a ação miúda da professora em sua turma, a pesquisa que ora é apresentada visa a tirar do anonimato o exercício docente, a professora e sua ação no dia a dia da escola, em uma sala de aula de escola pública. O objetivo, no entanto, não é o de avaliar a qualidade, a originalidade ou a pertinência das práticas observadas, mas, sim, dar-lhes visibilidade, ou, nas palavras de Foucault (1992), atribuir-lhes existência. O que não é enunciado, acaba por perder-se. Sendo assim, mostrar os movimentos que fazem o exercício docente acontecer é o que pretende este estudo. Vivenciamos, no presente, a implantação da Base Nacional Curricular (BNCC), sabidamente um macrotexto de política curricular que visa a alinhar (encaixar) os conhecimentos obrigatórios em cada ano da escolarização básica brasileira, definidos a partir de algumas competências gerais. Muitos atravessamentos medeiam as determinações de uma diretriz curricular como essa e o fazer docente diário. Os movimentos de composição do currículo empreendidos pela professora serão as lentes sobre as quais os excertos serão produzidos e registrados.

Dentre as marcas que vinculam escola e currículo, vale lembrar que o currículo precisa ser compreendido como uma “zona de produtividade” (SILVA, 1999, p. 21), e que ele diz respeito aos complexos processos que envolvem a seleção dos conhecimentos que se consideram adequados para o aprendizado das novas gerações. (SEFFNER, 2016, p. 50).

A docência se exercita, move-se, constitui-se, especializa-se. Em geral, o que sobra de um ano letivo repousa nas palavras ordinariamente escritas em formulários e relatórios recolhidos ao final de cada ano. “Nas práticas escolares encontramos várias listas em pleno vigor: frequência de alunos, diretrizes para selecionar conteúdos, notas/conceitos/pareceres de registro do rendimento escolar.” (TRAVERSINI, 2012, p. 175). Momentos estanques, registros assépticos da rotina, da docência, das aprendizagens. Os documentos da escola são imóveis, de momentos datados e finitos. Uma folha preenchida pelo aluno, um texto, uma prova, um desenho não recuperam as emoções vividas nem os elementos contextuais. Ainda que se reúnam em um portfólio²⁷ os melhores trabalhos de um aluno ou recolhidos todos os planejamentos de um professor – seu diário de classe, suas sequências didáticas, seus registros de avaliação, encaminhamentos, relatórios –, o acontecimento do exercício docente que fomenta o processo educativo não consegue ser propriamente narrado. Facilmente esquecidas, as ações perdem-se no

²⁷ “O portfólio é uma ferramenta para efetivação da avaliação formativa, principalmente porque essa se caracteriza por favorecer o acompanhamento longitudinal do processo de aprendizagem vivenciado pelo educando” (MAGALHÃES; SOUZA, 2014, p. 317).

vazio da memória, entre o final de um ano letivo e o início de outro. Pequenas coisas que, a nosso ver, precisam, “[...] podem e devem ser ditas, – mais, escritas.” (FOUCAULT, 1992, p. 117).

A AUTOETNOGRAFIA COMO MÉTODO, O *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA DE PESQUISA

O método etnográfico tem sido usado pela antropologia para a produção de dados para pesquisa desde o século XIX²⁸ com grande influência, a partir dos anos 1970, nas pesquisas em educação. Sua relevância para o estudo da prática escolar deve-se ao contato direto entre o pesquisador e a situação pesquisada (ANDRÉ, 2016). A autoetnografia, alicerçada na proposição etnográfica é uma metodologia de pesquisa que posiciona o pesquisador em um lugar outrora do observado. Desse modo, em contrapartida à abordagem etnográfica, em que o pesquisador observador-participante se inclui, de modo tangencial, na situação observada, na autoetnografia, ele se torna um participante-observador, assumindo um papel ativo frente ao objeto de estudo. “Se, na etnografia, o material empírico é limitado [...], na autoetnografia, as informações são contextualizadas, pois as situações foram vividas pelo pesquisador, mas analisadas após a sua vivência. (DAVEL; OLIVEIRA, 2018, p. 217-218).

É importante dizer que alguns autores consideram a existência de uma modalidade evocativa – emocional e muitas vezes biográfica – da autoetnografia. No entanto, a opção adotada para a produção do material empírico que contempla este estudo segue a vertente analítica, cujo objetivo não é o da expressão da emoção intimista advinda da experiência pessoal, mas a descrição de uma situação que permita a análise teórica pelo pesquisador. Segundo Colobrants (2013, p. 1), “Las autoetnografías (Autoethnographies) son un instrumento que permiten al investigador capitalizar y usar su propia experiencia personal para profundizar en la comprensión del objeto de estudio”²⁹.

A autoetnografia foi a metodologia utilizada para estruturar a pesquisa registrada neste texto e a investigação buscou analisar o contexto da sala de aula. “Para pensar [...] o ofício de professor é impossível não se referir à escola, à materialidade da escola [...]. O ofício é inseparável do lugar onde é exercido [...]” (LARROSA, 2018, p. 26). A dificuldade de utilizar este método é a de garantir que se preserve um grau de distanciamentos do material empírico, necessário para

²⁸Bronislaw Malinowski, em seu livro *Argonautas do Pacífico ocidental*, organizou, em sua introdução, a primeira formulação do que é o método etnográfico e seu uso na antropologia.

²⁹“As autoetnografias (Autoethnographies) são um instrumento que permite ao investigador capitalizar e usar sua própria experiência pessoal para aprofundar a compreensão do objeto de estudo” (COLOBRANTS, 2013, p. 1, tradução nossa).

uma análise rigorosa, (ser vigilante à situação de parcialidade do material empírico), ou seja, que ele não seja convertido numa forma de trazer à tona o alterego do pesquisador, as reminiscências de sua consciência ou a exaltação ou crítica do seu próprio modo de agir. Sua relevância encontra base na possibilidade de acesso a um recorte temporal determinado, histórico que não seria obtido, com o mesmo grau de detalhamento, de outra forma. “Esta técnica adquire relevância cuando se aplica al estudio de la propia cultura, especialmente cuando se trata de proyectos de innovación tecnológica y social donde el investigador no es una entidad aliena al objeto de estudio sino parte integrante de él.” (COLOBRANS, 2013, p. 1).³⁰

Na construção deste diário de campo autoetnográfico o *WhatsApp* mostrou-se uma ferramenta versátil e adequada a processos dinâmicos de notação. Durante todo o ano letivo de 2018, a fim de acompanhar a todas as etapas (desde a sondagem de conhecimentos no início do ano até a avaliação final) do período escolar, foi feita a gravação de um áudio-diário através do aplicativo para dispositivos móveis *WhatsApp*, sob o título *diário de pesquisa*. Tratou-se de um arquivo compartilhado pelas razões que seguem. A primeira refere-se à segurança na recuperação dos dados caso ocorra algum problema com o equipamento; a segunda é a própria característica interativa do aplicativo, um ponto de escuta em tempo real; que permitiu à pesquisadora dirigir as falas a alguém, no caso, a orientadora. Por compreender que o diálogo favorece a expressão, a presença de um interlocutor virtual, a quem se dirigem as falas de quem narra, enriqueceu o processo de pesquisa, uma vez que a massa de dados, na forma de excertos, pode ser compartilhada entre orientadora e orientanda. Por vezes, o orientador tem acesso aos dados empíricos somente após sua produção ou coleta. Neste caso, o acompanhamento era diário a partir das gravações e compartilhamentos e a orientadora tinha um olhar voltado para perceber a produtividade das análises a partir dos excertos, suscitava dúvidas sobre situações que mereciam maior esclarecimento ou incentivava a continuidade do registro do cotidiano na sala de aula. É importante ressaltar, por uma justificativa ética, que a gravação dos áudios não sofreu nenhuma interferência dos demais participantes, todos os recortes que constam neste texto foram definidos pela professora da sala de aula e discutidos com a orientadora, a partir da principal lente teórica escolhida por ambas: a noção de infâmia em Foucault (1992).

Os excertos gravados são, em sua maioria, descritivos, narrando situações ocorridas na sala de aula, na escola ou fora dela (em atividades externas, visitas, passeios etc.). Isto posto, esclarecemos que cada dia em que a professora da sala de aula faz os registros, geralmente, há vários minutos de gravação consecutiva, sendo captadas em pequenos trechos como é

³⁰ “Esta técnica adquire relevância quando se aplica ao estudo de própria cultura, especialmente quando se trata de projetos de inovação tecnológica e social em que o investigador não é uma entidade alheia ao objeto de estudo, mas parte integrante dele.” (COLOBRANS, 2013, p. 1, tradução nossa).

característico deste aplicativo. Os áudios foram transcritos tal e qual foram gravados, sem acréscimos. Sua transcrição foi identificada de duas formas: pela data, haja vista que cada dia foi transcrito separadamente, e pelo tempo de duração de cada trecho, ou seja, pela fração de segundos ou minutos. No caso de, em um mesmo dia, serem dois áudios captados com igual duração, a estes foi acrescida uma letra, respeitando-se a ordem alfabética. Como mencionamos há pouco, os relatos se pretendem, na maioria das vezes descritivos, mas não estão isentos de reflexão sobre os fatos. Afinal a “[...] autoetnografia tem o potencial de fornecer informações com alto grau de reflexividade, significação e sutileza, na medida em que se enraiza profundamente em um contexto vivido de trabalho.” (DAVEL; OLIVEIRA, p. 217, 218).

Esta modalidade de gravação propicia agilidade na produção de dados e possibilita que as observações sejam formuladas de modo mais fluido e a qualquer momento do dia, inclusive no próprio espaço da sala de aula. Além do mais, “[...] permite reunir interlocutores em bidirecionalidade, multidirecionalidade, comunicação síncrona e assíncrona, com troca de texto, áudio, imagem e vídeo, documentos em PDF e ligações gratuitas por meio da conexão com a internet”. (SILVA, 2017, p. 17).

Outra vantagem da produção de material empírico dar-se por essa plataforma é atribuída à segurança dos registros, uma vez que as mensagens captadas podem ser instantaneamente divididas e armazenadas por outras pessoas, sendo protegidas por criptografia e automaticamente salvas e recuperáveis no caso das redes telefônicas serem interrompidas. A captação das gravações, embora frequente, não obedeceu a intervalos regulares, tendo em vista que foram prioritariamente documentadas situações em que diferentes eventos produziram efeitos sobre o currículo e, em especial, sobre o planejamento docente desenvolvido no cotidiano das aulas. Serão registradas as que incidirem na ação docente a partir de sua relação com as estratégias envolvendo os conhecimentos e conteúdos intrínsecos ao currículo.

Marco Silva, no prefácio do livro *WhatsApp e educação: entre mensagens, imagens e sons*, sob o título “Paulo Freire, Vigotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira usariam o WHATSAPP!”, diz o seguinte:

Se estivessem vivos e atentos ao espírito do nosso tempo, Freire, Vigotsky, Freinet, Dewey e Teixeira muito provavelmente adotariam o *whatsApp*, que contempla a participação de sujeitos dialogantes na dinâmica da autoria e da cocriação da comunicação, da aprendizagem e da formação. (SILVA, 2017, p. 16).

O PODER DO REGISTRO AOS *INFAMES*

O fazer docente é tão singular dentro do espaço da sala de aula que encontra ali mesmo sua fundamental importância. Nos excertos que seguem, recolhidos da coletânea construída através do áudio-diário já mencionado, podemos observar como o exercício docente se expressa no currículo, reflete angústias, impedimentos de várias ordens ao mesmo tempo em que produz alternativas e propõe nuances singulares na composição curricular; pondo em evidência conhecimentos teóricos e práticos imprescindíveis ao ofício do professor. Vejamos

01:07 Não consegui pensar em absolutamente nada em relação a seleção de conteúdos, organização de currículo como um todo, foi assim... **apagando incêndio.** (áudio-diário, 27 de março de 2018)

A questão do tempo é um fator crucial que influencia diretamente a ação em sala de aula e, conseqüentemente, no currículo:

0:30 Eu digo que **eu nunca tive tanto tempo dentro da escola**, né, porque agora a gente não faz mais a hora atividade em lugar de livre escolha, em casa ou em qualquer outro espaço e eu não vejo os colegas. **Eu nunca tive tão pouco tempo para lidar com os colegas**, para fazer coisas em conjunto, é muito incrível isso, que esse tempo a mais ali [dentro da escola] não resulta em espaços conjuntos nem em qualidade de trabalho. (áudio-diário, 24 de junho de 2018)

A partir do áudio-diário a orientadora fez o seguinte comentário:

Isso mesmo, a fragilidade do acompanhamento por falta de tempo para conversar no coletivo. Penso que é uma unidade bem importante: Os impactos da falta de reuniões na escola. Esses detalhamentos mostram isso (24 de junho de 2018).

Na interação com o *WhatsApp* entre professora-pesquisadora e orientadora, há leitura dos dados e troca de ideias e percepções sobre possíveis formas de construir as unidades analíticas, mas definidas, posteriormente, no conjunto dos excertos. As unidades analíticas têm como foco refletir sobre os acontecimentos tidos como secundários que, se não registrados, acabam por desaparecer. Dar-lhes existência permite analisar algo que pode não ter importância, à primeira vista, mas, quando registrado e analisado, tem impacto na qualidade das aulas e na aprendizagem dos alunos, como a falta de tempo para planejamentos das aulas com os colegas para integração e ampliação das aprendizagens discentes e docentes.

Fazemos uso das palavras de Foucault (1992) para reiterar a potência dessas notações a que queremos dar vez, dar voz, dar a ver. “Nasce uma arte da linguagem cuja tarefa já não é cantar o improvável, mas pôr em evidência o que não é evidente – o que não pode ou não deve ser evidente: dizer os graus últimos, e os mais tênues, do real”. (FOUCAULT, 1992, p. 125). Não só o tempo, mas a própria seleção dos conhecimentos e dos procedimentos metodológicos ao serem registrados nos planejamentos parecem acontecer como foram descritos:

01:48 [...] decidi chamar um dos índios que moram lá [numa aldeia próxima à escola] para vir fazer uma conversa com as crianças **até pra elas desmistificarem essa ideia** de que o índio é aquele sujeito que anda de tanguinha com peninhas, que mora na floresta, que caça com arco e flecha. (áudio-diário, 27 de março de 2018)

Nesses excertos, fazem-se presentes as escolhas e definições sobre o que deve ou pode refletir-se no currículo. Ter a possibilidade de retornar a eles permite constatar que nem sempre as opções que se efetivam são aquelas previamente planejadas:

1:03 - [...] **porque são esses momentos [DIA DAS MÃES] que se atravessam**, assim, na vida da gente, que consomem um tempo do trabalho e que **aparentemente estão fora do currículo**, né, mas aí começam a fazer parte. No meu caso, eu ensaiei a musiquinha da apresentação, fiz o presente [para as mães], [...] A sensação que eu tenho do dia a dia na escola é que as coisas são tão corridas, que eu não tenho conseguido assim... aprofundar alguns trabalhos que eu acho importantes [...].(áudio-diário, 24 de maio de 2018)

Sendo assim, não se trata de descrever experiências de dia a dia, mas narrar, registrar, aquilo que de calar, torna-se invisível, “[...] são exemplos que têm menos de lições a serem meditadas, do que de breves efeitos cuja força se desvanece quase imediatamente.” (FOUCAULT, 1992, p. 90). No microfísico espaço da aula, considera-se que a forma de aprender a partir das condições apresentadas pelos diferentes alunos componentes das turmas tem sido um dos grandes desafios para escola contemporânea. Compreendemos, no tempo atual, que uma das marcas do exercício docente é assumir o desafio da “criação de propostas singulares de desenvolvimento cognitivo, necessárias e adequadas para cada sujeito escolar.” (TRAVERSINI, 2012, p.183). O uso do *WhatsApp* foi eficiente na produção de evidências que frequentemente são invisibilizadas e são importantes para fazer propostas pedagógicas considerando a heterogeneidade na sala de aula:

1:29 – 03/06 Eu gosto sempre de trabalhar dentro de algum projeto, né? Então eu comecei o meu projeto lá da... que começou... antes da semana do índio, e até agora eu não consegui efetivar ele de verdade, assim como eu queria, né. Ele

foi sendo interrompido por uma série de outras coisas e meio que perdeu, assim, no caminho, né, eu não consegui aplicá-lo como eu gostaria [...] **fiquei nessa dúvida, né, e agora? Paro com o projeto, esqueço a coisa dos índios, [...] eu tinha um objetivo, né,** que era o de trazer uma visão diferente da etnia indígena [...] e essa finaleira foi o que eu não consegui dar. Então eu tive a ideia de aproveitar o personagem do Tibicuera, que ele veio aí [o personagem da história que foi contada foi evocado pelas crianças]. Vou insistir nisso porque fiquei nessa dúvida. **Tá, insisto com isso ou desisto?** Se eu desistir, tudo o que eu fiz, vamos dizer assim, dentro desse projeto [sobre o povo indígena, que teve início em abril], tentando ter uma outra visão [do que é ser indígena] foi por água abaixo. [...] Ficou superficial o trabalho. Então eu tô optando em dar uma nova cara pra ele. (áudio-diário, 03 de junho de 2018)

A potência narrativa dos áudios-diários produzidos permite posicionar o lugar onde o professor “mostra suas habilidades e onde estão tanto suas matérias-primas quanto suas ferramentas e seus artefatos”. (LARROSA, 2018, p. 27). O inventário de ações e reações que envolve o dia a dia do professor em sala de aula é cara a uma teorização didática e pedagógica do exercício da docência. Sim, é fundamental problematizar os discursos, as práticas, encontrar a “materialidade do ofício de professor” (LARROSA, 2018, p.27). Tais questionamentos produzem modos de exercer a docência e cada turma e cada sujeito produzem impactos e reflexões acerca de da prática diária do professor nas salas de aula:

2:29 – 18/07 Então quando eles estão trabalhando, eu tô circulando pela sala para um, para outro, respondendo dúvida. **Tem às vezes três, quatro, cinco me solicitando ao mesmo tempo, né.** E mais o M [aluno com necessidade de atendimento especializado] que não para de falar um minuto me chamando. Então eu não consigo fazer aquele trabalho, assim, não estava conseguindo [o trabalho de aproximação afetiva com a criança]. Acho que daqui para frente até vou começar a conseguir, aonde tu consegue chegar perto da criança, sabe, te abaixar, falar baixinho, conversar no ouvido, sabe aquela troca, assim, de carinho que tu tem às vezes? Não, eu me sinto meio *robozenta*, sabe? Chega lá e faz as coisas, e faz isso, e faz aquilo, e organiza assim, organiza assado. (áudio-diário, 24 de maio de 2018)

O currículo não é só a matéria, o conteúdo, implica estar atento ao que se passa com o aluno, os sujeitos e suas especificidades que compõem aquela turma que a professora está realizando as propostas pedagógicas. A necessidade de vínculo com o aluno em sala de aula para produzir as aprendizagens é algo que pode passar despercebido se não registramos:

01:02 – 18/07 - Importante só esclarecer o seguinte: eu não falo da questão da afetividade **por ser algo que eu acho que é inerente à profissão do professor.** Não é isso. Eu acho que não tem nada a ver. Mas porque eu sou afetiva e eu gosto dessa troca com as crianças. **Então isso me incomoda porque faz parte do meu jeito de ser e eu não tô conseguindo fazer, né.** Não porque eu ache que isso é uma obrigação e que todo professor tem que ser

carinhoso e afetivo e tratar os alunos com dengo, né, mas é que eu gosto dessa interação, assim, né. [...] Eu acho que eles merecem isso, né. Não só merecem, mas eles possibilitam esse tipo de troca. Tu poder dar aquela atenção para aquele sujeito que tu olha para ele e tá olhando pra ele né. Não assim “ah, tá bom, tá bom. Tô te olhando, mas tô olhando todo o resto em volta”. Vamos ver o que vai dar daqui para frente. (áudio-diário, 24 de maio de 2018)

A afetividade tem sido alvo de críticas nos últimos tempos. A partir das pesquisas de Dal'Igna, Scherer e Silva (2019, p. 11), as autoras sustentam “o argumento de que o trabalho docente, em busca da profissionalização, precisou afastar-se de discursos que vinculavam a docência”. As autoras mostram que a necessidade deste afastamento parece ser maior ao se tratar da “docência na educação infantil e nos anos iniciais” (2019, p. 11). Isso se deve “a uma natureza feminina e, portanto, pautada por afeto, amor e cuidado” (ibid., p. 11). As autoras constroem um contraponto ao questionarem: “Quais os efeitos de tal separação para a docência contemporânea? Seria possível articular docência, profissionalização e amor?” (ibid., p. 12).

Os estudos das autoras citadas e o exercício docente em sala de aula produzido nos registros nos fizeram refletir sobre o tema. A interação e o vínculo entre professor e aluno podem ser representados pela afetividade que nesta pesquisa adquire o significado do olhar atento ao sujeito que aprende; de não ser condescendente quando o aluno não quer aderir à proposta pedagógica, mas compreender o que está acontecendo; em mostrar ao aluno sua capacidade para a realização das atividades propostas ou negociadas. A aposta no sujeito é um ato de afetividade, deixar o sujeito de lado ou ter uma atitude *laissez-faire* com ele é negligenciá-lo em suas possibilidades. Compreendemos que os significados da afetividade naquela turma se enriqueceram com os registros nos áudios-diários, pois percebemos os incômodos que a professora da turma sentia por não conseguir estar atenta individualmente a um determinado aluno e a turma ao mesmo tempo. E esse incômodo persiste enquanto tivermos turmas heterogêneas, numerosas e apenas uma professora para estar atenta a todos os sujeitos que compõem cada turma. O registro do incômodo é considerado por nós um dos infames no cotidiano docente na sala de aula.

Os áudios ilustram o olhar sobre os *infames* na perspectiva que lhes daria Foucault (1992). Narrar o que se perde no cotidiano da docência é o foco dessa pesquisa conforme já anunciamos anteriormente. Tratamos aqui um tanto de pessoas *infames*: a própria professora, um diretor, uma supervisora, os próprios alunos, seus pais; pois *infame* é também o contexto, social, cultural, econômico, histórico, o contexto da periferia, do espaço público na sua versão mais intimista. O *infame* processo da docência, aquele “capaz de” que se perde, que só se vislumbra no resultado, na

avaliação, no final: afinal, passou ou rodou? É o *ofício* do professor que se quer pôr à vista, “os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, – mais, escritas.” (FOUCAULT, 1992).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a escola tem sido nossa intenção quando nos propusemos analisar o dia a dia de uma professora em sua turma. Através dessa vivência, é inevitável perceber o quão exigente e especializado deve ser o trabalho docente para abarcar a demanda, sempre móvel, sempre fugaz, do ensino na educação básica. Investigar como o conhecimento profissional adquirido através da formação e da experiência funcionam para dar conta não só dos saberes exigidos pelos currículos oficiais, mas da aprendizagem efetiva das crianças da periferia no microespaço da sala de aula é uma tarefa da pesquisa em educação. A construção de uma autoetnografia através do uso *WhatsApp* como um instrumento do imediato foi um modo de captar, de forma abrangente e partilhada, o movimento do exercício docente. Reafirmamos que “[...] o diário configura-se num rico dispositivo para os docentes e pesquisadores que fazem opção pela abordagem qualitativa nos meios educacionais” (SANTOS; WEBER, 2019, p. 7).

Avaliar o impacto no currículo, quando o trabalho docente se constrói “**apagando incêndio**” ou quando o professor sente que nunca esteve por “**tanto tempo dentro da escola**”, vendo-se, ao mesmo tempo, com “**tão pouco tempo para lidar com os colegas**”, é algo que esta pesquisa tem possibilitado. As decisões sobre como gerenciar os atravessamentos do cotidiano [...] “**porque são esses momentos [DIA DAS MÃES] que se atravessam**” que consomem tempo e exigem adaptações e porque “**aparentemente estão fora do currículo**” podem e devem ser tirados da infâmia: [...] **fiquei nessa dúvida, né, e agora?** Sim, consideramos neste estudo que a questão do “e agora?” possa sair do anonimato para que não esvaneça no curto espaço de tempo do amanhã. Amanhã, o que foi hoje esfumaça, se não há registro, pois

[...] a arte de apresentar não é apenas a arte de tornar algo conhecido: é a arte de fazer algo existir, a arte de dar autoridade a um pensamento, um número, uma letra, um gesto, um movimento ou uma ação e, neste sentido, ela traz este algo para a vida. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015, p. 135).

Contextualizar o acontecimento em sala de aula possibilita tornar visível uma ação que é didática, especializada e produzida por profissionais habilitados para a docência. Acontecimento com necessidade de visibilidade, de registro e de análise para que se possa captar o quanto do ofício de professor acontece no conflito entre o macrotexto das políticas curriculares oficiais e o microtexto da sala aula. O inesperado, no cotidiano da escola, perpassa e constitui o exercício da

docência, conferindo-lhe uma materialidade que, ao ser registrada, passa a ter existência e possibilidade de ser produzida de outros modos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

COLOBRANS, Jordi. Autoetnografías aplicadas a proyectos de innovación. Usos de las autoetnografías analíticas en la exploración de plataformas informáticas, nuevos programas de formación e investigación de mercados. In: Congreso Español de Sociología de La Fes Universidad Complutense De Madrid, 11., 2013, Madrid. **Atas...** Madrid: [s.n.], 2013.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Porcher; SILVA, Miriã Zimmermann da. Feminização do magistério em tensão: vocação, burocratização, profissionalização e amor pela docência. In: RIBEIRO, Joyce; VILAÇA, Teresa; BRÍCIO, Vilma (Org.). **Gênero, sexualidade e educação: problemas contemporâneos**. (No prelo).

DAVEL, Eduardo Paes Barreto Davel; OLIVEIRA, Cybele Amado de. A reflexividade intensiva na aprendizagem organizacional: uma autoetnografia de práticas em uma organização educacional. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 25, n. 85, p. 211-228, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9250852>. Acesso em: 15 maio 2019.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 89-128.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MAGALHÃES, Cassiana, SOUZA, Nadia Aparecida. O portfólio sob o olhar da criança. In: GUIMARÃES, Maria Célia; CADORNA, Maria João; OLIVEIRA, Daniele Ramos. **Portfólio: uma estratégia de avaliação na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 293-306.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Trad. Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Edméa; WEBER, Aline. Diários online, cibercultura e pesquisa-formação multirreferencial. In: LIMA, Maria Socorro Lucena et al. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola**. Fortaleza: EdUECE, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/205-%20DI%20C%2081RIOS%20ONLINE,%20CIBERCULTURA%20E%20PESQUISA-FORMA%20C%2087%20C%2083O%20MULTIRREFERENCIAL.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019

SEFFNER, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 20, n. 1, p. 48-57, jan./abr.2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2016.201.05/5230>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, Marco. Prefácio: Paulo Freire, Vigotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira usariam o *WHATSAPP*? In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre (Org.). **Whatsapp e educação**: entre mensagens, imagens e sons. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 15-26

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TRAVERSINI, Clarice. O desencaixe como forma de existência da escola contemporânea. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Org.). **Estudos Culturais e educação**: desafios atuais. Canoas: Ed. ULBRA, 2012.